

Uma estação no inferno

Artur Rimbaud

Antigamente, se bem me lembro, minha vida era um festim no qual todos os corações exultavam, no qual corriam todos os vinhos.

Uma noite, sentei a Beleza em meus joelhos. - E achei-a amarga. - E injuriei-a.

Armei-me contra a justiça.

Fugi. Ó feiticeiras. ó miséria, ó ódio, a vós é que foi confiado o meu tesouro!

Tudo fiz para que se desvanecesse em meu espírito a esperança humana. Como um animal feroz, investi cegamente contra a alegria para estrangulá-la

Conjurei os verdugos para morder, na minha agonia, a culatra de seus fuzis. Conjurei as pragas, para afogar-me na areia, no sangue. Fiz da desgraça a minha divindade. Refocilei na lama. Enxuguei-me ao ar do crime. E preguei boas peças à loucura.

E a primavera trouxe-me o horrível gargalhar do idiota. Ora, por último, chegando a ponto de quase fazer o trejeito final, sonhei encontrar a chave do festim antigo, no qual talvez recobriria o apetite.

A caridade é essa chave. - Esta inspiração prova que tenho sonhado!

"Sempre serás hiena, etc..." exclama o demônio que me coroou de tão amáveis papoulas. "Vence a morte com todos os teus apetites, com todo o teu egoísmo e todos os pecados capitais".

Ah! estou farto de tudo isso: - Mas, querido Satã, eu te conjuro a que não me fites com pupila tão irritada! e à espera das pequenas covardias atrasadas, para vós outros que admirais no escritor a ausência das faculdades descritivas ou pedagógicas, para vós arranco algumas hediondas páginas do meu caderno de condenado.

Mau Sangue

Herdo de meus antepassados, os gauleses, os olhos azuis-claros, a fronte estreita, e a falta de jeito para a luta. Sinto que minhas roupas são tão bárbaras quanto as deles. Apenas não unto a cabeleira.

Os Gauleses foram esfoladores de animais, queimadores de ervas, os mais inábeis de seu tempo.

Deles, eu herdo: a idolatria e o amor ao sacrilégio; - oh! todos os vícios: cólera, luxúria, - magnífica, a luxúria; - sobretudo mentira e preguiça.

Detesto todas as profissões. Mestres e oficiais, todos campônios, ignaros. A mão que empunha a pena equivale à que guia o arado. - Que século de mãos! - Jamais me servirei das mãos! Depois, a domesticidade leva demasiado longe. A honradez da mendicidade exaspera-me. Os criminosos repugnam-me como castrados: quanto a mim, estou intacto, e pouco se me dá.

Mas quem fez tão pérfida a minha língua que, até agora, tem guiado e protegido a minha preguiça? Sem saber utilizar-me do corpo, e mais ocioso que um sapo, tenho vivido por toda a parte. Não há família na Europa que eu não conheça: - Estou falando de famílias iguais à minha, que devem tudo à declaração dos Direitos do Homem – Tenho conhecido cada filho-família!

Se possuísse antecedentes em um ponto qualquer da história de França!

Mas não, nada.

Não ignoro que fui sempre de raça inferior. Não posso compreender a revolta. Minha raça só se rebelará para saquear: como os lobos ao animal que não mataram.

Recordo a história de França, filha primogênita da Igreja. Aldeão, teria empreendido viagem à Terra Santa; vejo em pensamento caminhos nas planícies suábias, panoramas de Bizâncio, muralhas de Jerusalém: o culto de Maria, o enternecimento para com o crucificado despertam em mim entre mil fantasias profanas. - Estou sentado, leproso, sobre cacos de vasos e urtigas, junto a um muro roído pelo sol. – Mais tarde, lansquenete, bivacaria sob as noites de Alemanha.

Ah! mais ainda: danço o sabá numa incendiada clareira, com velhas e crianças.

Minhas lembranças detêm-se nessa terra e no cristianismo. Ver-me-ei sempre nesse passado. Mas sempre sozinho; sem família; e, além disso, que língua falarei? jamais me surpreendo nos concílios de Cristo ou nos concílios dos Senhores, - representantes de Cristo.

Que era eu no século passado: só hoje torno a encontrar-me. Acabaram-se os vagabundos, nada de guerras sem sentido. A raça

inferior cobriu tudo - o povo, como se diz, a razão; a nação, e a ciência.

Oh! A ciência! Tudo se repete. Para o corpo e para a alma, - o viático - temos a medicina e a filosofia, - os remédios das boas mulheres e as canções populares apropriadas. E as distrações dos príncipes e os jogos que eles interditam! Geografia, cosmografia, mecânica, química ...

A ciência, a nova nobreza! O progresso. O mundo marcha. Por que não havia de girar?

É a visão dos números. Vamos para o Espírito. É certíssimo, este oráculo, que eu faço. Compreendo, e não sabendo explicar-me sem palavras pagãs, preferiria silenciar.

Retorna o sangue pagão! O Espírito está próximo; por que Cristo não me ajuda, dando à minha alma nobreza e liberdade? Ai, o Evangelho morreu. O Evangelho! O Evangelho.

Espero Deus avidamente. Sou de raça inferior por toda a eternidade.

Estou na praia armoricana. Que as cidades se iluminem à noite. Minha jornada está realizada; abandono a Europa. A aragem marinha queimar-me-á os pulmões; os climas perdidos tostar-me-ão. Nadar, mordiscar ervas, caçar, fumar, sobretudo; beber licores fortes como chumbo derretido, - qual faziam esses queridos antepassados

em volta do fogo

Retornarei com membros de aço, negra a epiderme, as pupilas acesas: por minha máscara julgar-me-ão de um raça forte. Possuirei ouro: serei ocioso e brutal. As mulheres cuidam destes ferozes enfermos que regressam dos países quentes. Participarei dos negócios políticos. Salvo.

Agora estou amaldiçoado, horroriza-me a pátria. O melhor é um sono, completamente bêbado, na praia.

Ninguém parte. – Percorramos novamente os caminhos daqui, carregado de meu vício que aprofundou sua raízes de sofrimento a meu lado, desde a idade da razão, - que sobe ao céu, me golpeia, derruba, arrasta.

A derradeira inocência e a derradeira timidez. Está dito. Não entregar ao mundo meus desgostos e minhas traições.

Vamos! A marcha, o fardo, o deserto, o tédio e a cólera.

A quem me alugar? Que besta é preciso adorar? Que santa imagem atacar? Que corações destruirei? Que mentira devo sustentar? Sobre que sangue caminhar?

Mas, é melhor evitar a justiça. – A vida dura, o simples embrutecimento, - levantar, o punho seco, a tampa do caixão, sentar-

se, afogar. Assim desaparecem a velhice e os perigos: o terror não é francês.

Ah! Sinto-me tão abandonado que estou oferecendo a qualquer divina imagem – impulsos para a perfeição.

Ó minha abnegação, ó maravilhosa caridade! aqui em baixo, embora!

De profundis, Domine, que estúpido sou!

Menino, eu admirava o presidiário intratável sobre quem se fecha sempre a porta da prisão; visitava os albergues e as pousadas que ele havia santificado com sua passagem; via com sua idéia o céu azul e o trabalho florido do campo; pressentia sua fatalidade nas cidades. Era mais forte que um santo, tinha mais bom-senso que um viajante, - e ele, só ele! Como testemunho de sua glória e de sua razão.

Nas estradas, nas noites de inverno, sem teto, sem roupa, sem pão, uma voz oprimia meu coração gelado: "Fraqueza ou força: repara, é a força. Não sabes para onde vais, nem porque vais, entra por toda a parte, responde a tudo. Não lograrão matar-te a menos que já sejas um cadáver". Pela manhã tinha o olhar tão perdido e o aspecto tão morto, que aqueles que me encontravam possivelmente não me viam.

Nas cidades, a lama parecia-me de súbito vermelha e negra, como um espelho quando a lâmpada circula na peça contígua, como um tesouro na floresta! Boa sorte, exclamava eu, e via um mar de labaredas e fumaça no céu, e, à esquerda, à direita, todas as riquezas ardendo como um milhar de relâmpagos.

Mas a orgia e a camaradagem das mulheres me estavam proibidas. Nem ao menos um companheiro. Via-me diante de uma multidão exasperada, em frente ao pelotão de fuzilamento, chorando a desgraça de que não houvessem podido compreender, e perdoando! – Como Joana d'Arc! - "Sacerdotes, professores, mestres, vós vos enganais entregando-me à Justiça. Jamais pertenci a este povo daqui de baixo; jamais fui cristão; eu pertenço à raça que cantava no suplício; não compreendo as leis; não tenho senso moral; sou um bruto: vós vos enganais".

Sim, tenho os olhos cerrados para a vossa luz. Sou uma, um negro. Contudo posso salvar-me. Vós sois falsos negros; vós, maníacos, ferozes, avarentos. Mercador, tu és negro; magistrado, tu és negro; general, tu és negro; imperador, velho prurido, tu és negro; tu bebeste um licor não selado, da fábrica de Satã. – Este povo está inspirado pela febre e pelo câncer. Mutilados e velhos são de tal modo respeitáveis que pedem que os cozinhem. – O mais sábio é abandonar este continente, onde ronda a loucura para prover de reféns estes miseráveis. Entro no verdadeiro reino dos filhos de Can.

Conheço ao menos a natureza? Conheço-me a mim próprio? – Basta de palavras. Sepulto os mortos em meu ventre. Gritos, tambor, dança, dança, dança, dança! Nem sequer considero que ao desembarcarem os brancos, cairei no nada.

Fome sede, grito, dança, dança, dança, dança!

Os brancos desembarcam. O canhão! É preciso submeter-se ao batismo, vestir-se, trabalhar.

Recebi no coração o toque da graça. Ah! Não o havia previsto!

Nunca pratiquei o mal. Os dias vão ser suaves, apagar-se-me-á o remorso. Não terei suportado os tormentos da alma quase morta para o bem, onde sobe a luz severa como os círios fúnebres. A sorte do filho-família, esquife prematuro coberto de límpidas lágrimas. Certo, a libertinagem é estúpida, o vício é estúpido; é preciso arrojá-lo distante a podridão. Mas o relógio nunca dará unicamente as horas de dor! Vou ser raptado qual uma criança, para brincar no paraíso, esquecido de todas as desgraças?

Depressa! há outras vidas? - O sono em meio às riquezas é impossível. A riqueza foi sempre bem público. Só o amor divino outorga as chaves da ciência. Vejo que a natureza não é senão um espetáculo de bondade. Adeus quimeras, ideais, erros!

O canto razoável dos amigos eleva-se do navio salvador: é o amor divino. - Dois amores! Posso morrer de amor terrestre, morrer de sacrifício. Deixei almas cuja pena crescerá com minha partida! Escolheste-me entre náufragos; os que ficam são meus amigos? Salvei-os!

Despertou-me a razão. O mundo é bom. Abençoarei a vida. Amarei meus irmãos. Não são promessas infantis. Nem esperança de escapar à velhice e à morte. Deus me dá força e eu louvo a Deus.

O tédio já não é o meu amor. As cóleras, a libertinagem, a loucura, - dos quais conheço todos os impulsos e todas as conseqüências - todo o meu fardo está deposto. Apreciemos sem vertigem a extensão de minha inocência.

Já não serei capaz de implorar o consolo de uma bastonada. Não me acredito a caminha de umas núpcias com Jesus Cristo por sogro.

Não sou prisioneiro de minha razão. Disse: Deus. Quero a liberdade na salvação: como alcançá-la? Os gostos fúteis abandonaram-me. Já não preciso de sacrifícios nem de amor divino. Não tenho saudades do século dos corações sensíveis. Cada um tem sua razão, desprezo e caridade: retenho meu lugar no alto desta angélica escala de bom-senso.

Quanto à felicidade estabelecida, doméstica ou não... não, não posso. Estou demasiado gasto, demasiado débil. A vida floresce pelo trabalho, velha verdade: quanto a mim, minha vida não é suficientemente pesada, voa e flutua distante, por cima da ação, esse adorado eixo do mundo.

Como me sinto solteirona, falto de coragem para amar a morte.

Se Deus me concedesse a calma celeste, aérea, a oração, - como os antigos santos -. Os santos! os fortes! os anacoretas, os artistas tais quais já não precisamos.

Farsa contínua.! Minha inocência me faria chorar. A vida é a farsa que todos têm que representar.

Basta! eis a punição. - Em marcha!

Ah! queimam os pulmões, latejam as têmporas! A noite tomba em meus olhos, em pleno sol! O coração... os membros...

Aonde vamos? ao combate? Sou fraco! os outros avançam. Os ferros, as armas... o tempo !...

Fogo! Fogo sobre mim! Lá! para onde me dirijo. - Covardes - Mato-me! Arrojo-me entre as patas dos cavalos!

- Habituar-me-ei a isso.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

